

QUEM ERA MARTINS PENA?

» NAHIMA MACIEL

Martins Pena pode até ter ficado famoso nos tempos modernos por emprestar o nome a uma das salas do Teatro Nacional, projetado por Oscar Niemeyer em Brasília, reinaugurado recentemente, mas o nome do dramaturgo ganhou notoriedade há mais de 200 anos como um cronista de uma época. Nascido no Rio de Janeiro em novembro de 1815, Luís Carlos Martins Pena inaugurou a comédia de costumes no Brasil. Órfão de pai e mãe em tenra idade, estudou comércio e embarcou na carreira diplomática, mas se refestelava mesmo era no teatro.

Martins Pena escreveu 21 comédias e cinco dramas durante um movimentado século 19 que assistiria à chegada da família real, à independência, ao fim da monarquia, à abolição do trabalho escravo e ao início da transformação do Brasil em um país industrializado. O dramaturgo, que morreu muito jovem, aos 33 anos, tinha em mãos um material humano gigantesco e, com habilidade, mergulhou nas idiossincrasias da sociedade brasileira para emergir com o título de primeiro comediógrafo do país.

A estreia se deu em 1837, com *O juiz de paz na roça*, encenada pela companhia de teatro João Caetano, considerada a primeira fundada no Brasil. No palco, um juiz precisa lidar com as particularidades do meio rural para fazer valer leis e decisões. Mais tarde, viriam títulos como *A dileitante*, sobre um admirador de ópera que procura par adequado para a filha; *As desgraças de uma criança*, sobre um triângulo amoroso, e *O noviço*, cujo foco é um casamento por interesse que quase leva uma jovem viúva à ruína financeira e emocional.

O diretor e ator João Antônio encara Martins Pena como um nome fundamental para que nascesse um teatro em português brasileiro. "Assim como em outras colônias, o teatro tinha o sotaque do colonizador. Pena trouxe nossa realidade, costumes e humor para nossos palcos e assim aproximou os brasileiros", diz o ator, que participou de uma montagem de *O Noviço*, nos anos 1960, em Uberaba, e dirigiu o Teatro Nacional entre 1997 e 1998. O também diretor Fernando Guimarães estudou toda a obra de Martins Pena para poder dar aulas de teatro na Faculdade Dulcina. "É um grande dramaturgo e, graças a ele, a gente tem uma noção do que era a vida cotidiana no Brasil do século 19. Ele traduz como ninguém", acredita.

Em 1978, Guimarães foi ao teatro pela primeira vez para assistir a *O grande desbum*, uma adaptação de Marília Pêra e Ney Latorraca para *As desgraças de uma criança*. Quase duas décadas depois, em 1996, o diretor subiu ao palco da sala que leva o nome do dramaturgo para montar a sua própria versão, em parceria com Hugo Rodas e Adriano Guimarães, da mesma peça, com Dora Wainer, Claudio Falcão e André Amahro no elenco. "Somos um país sem memória. Não se tem muito sobre o Brasil nessa época de 1800 e pouco. Martins Pena foi importante porque era um cronista do cotidiano maravilhoso. A gente consegue

DRAMATURGO QUE DÁ NOME À SALA REINAUGURADA DO TEATRO NACIONAL SE DEBRUÇAVA SOBRE OS COSTUMES DA PRÓPRIA ÉPOCA

enxergar exatamente o que era a sociedade brasileira naqueles anos. As peças dele são uma maneira de conhecer o pensamento do Brasil, que não era muito diferente de hoje. O tempo passou e as questões continuaram", garante o diretor.

Fundador do Teatro Caleidoscópio, André Amahro teve o primeiro contato com a obra de Martins Pena na universidade, em aula de João Antônio, e participou da montagem de *Os meirinhos*, que leva ao palco um imbróglio entre juízes e escrivães. "Ele inaugurou a comédia brasileira no século 19", diz Amahro. "Do ponto de vista de interpretação, do ator, os textos dele são exercícios fantásticos porque, como comédia de costumes, os personagens estão sempre metidos em situações embaraçosas. E a comédia é uma escola para o autor."

A Cia. de Comédia Melhores do Mundo também chegou a ensaiar uma montagem de *As desgraças de uma criança*, sob a direção dos irmãos Guimarães, mas desistiu por achar que o texto de

Martins Pena diz respeito a uma época e a um contexto específicos. "Eu traço um paralelo do trabalho dele com o dos Melhores do Mundo no sentido que são comédias de costume que falam da realidade da época", explica Jovane Nunes. "Nesse sentido, é parecido com o que fazemos, porque, em certo sentido, somos cronistas de uma época. Montar Martins Pena hoje só faz sentido se for em uma pesquisa histórica, porque o que era engraçado para eles na época não é engraçado para a gente hoje. É diferente dos autores que fazem coisas atemporais, como Shakespeare e Machado de Assis, que falam mais da essência do homem, uma coisa que não muda", acredita o comediante. Para Camila Guerra, atriz do AIA Agrupação Teatral Amacaca, Martins Pena faz parte de um cenário no qual se valorizava a autoria. "O teatro contemporâneo tirou um pouco o autor de sua importância maior", lamenta. "Antigamente, o autor tinha uma importância grande e o teatro contemporâneo refutou um pouco isso, mas a gente tem esses grandes nomes que retratam uma época." Com peças curtas e linguagem muito direta e simples, o dramaturgo trazia para a cena temáticas que colocavam em evidência questões morais e sociais do século 19. Pessoas comuns e uma certa leveza nas tramas, combinadas, permitiam que o público se identificasse.

Martins Pena era certo em apontar as falhas humanas e seus personagens acabavam imersos em situações nas quais precisavam tomar decisões nem sempre enaltecidas da própria moral. Um pouquinho de corrupção aqui, uma vista grossa ali, uma trapaceira sem grandes consequências, um jeitinho que, de brasileiro, tinha muito. "E traz uma leveza para essa coisa moral demais, de ser muito correto. Ele trazia a coisa do incorreto e, dentro dos incorretos, os quiprocós da vida que os erros trazem mas, no final, tinha uma leveza. São pessoas humanas, e dá tudo certo. A gente tem uma visão muito cristã da vida, da culpa, da punição, e Martins Pena traz uma leveza para o ser errado que somos, para o humano", aponta Camila. O dramaturgo também era uma alternativa ao eurocentrismo ainda muito arraigado no século 19. "Ele foi um pouco revolucionário", garante a atriz.

Foi no colégio, ainda como amador, que o hoje diretor Felipe Vidal se deparou com Martins Pena pela primeira vez ao encenar *Quem casa quer casa* em um festival de talentos da escola. O dramaturgo é muito popular entre atores e diretores iniciantes por conta do tamanho mais reduzido das montagens e da linguagem fácil. "É um autor que deveria ser mais montado. A gente não tem muito essa tradição de celebrar nossos clássicos nacionais", lamenta Felipe. "Além de ser um dramaturgo importante da comédia, é alguém que trouxe o texto mais engraçado para um lugar mais elevado no teatro." O diretor aponta qualidades como engenhosidade e domínio da carpintaria da comédia como características de Martins Pena. "É muito prazeroso de ler", garante.

